

A CRÔNICA de Rubem Braga

A "REVOLUÇÃO"

FUI ver, no Teatro de Arena, essa peça "Revolução na América do Sul", mas tive de sair no fim do primeiro ato. Voltarei para ver o resto, pois a coisa me prendeu pelo interesse dramático, pela sátira pungente que um movimento muito vivo não deixa ficar pesada.

Ignorante de coisas de teatro, não sei se Augusto Boal é conhecido como autor de outras peças; deve ser, de toda maneira, môço: sente-se em seu trabalho aquela generosa desarrumação e aquela alegria afobada de contar que só existem nos moços.

Aconselho vivamente os leitores a ver a "Revolução": mas quero anotar aqui uns pensamentos melancólicos que o final do primeiro ato me deu. José da Silva, que é um pobre operário despedido, está contente por ser prêso, pois assim terá o que comer. Soltam-no, entretanto, e ele canta uma canção em que amaldiçoa a liberdade, que não lhe dá o pão.

O público, eu reparei, aplaude muito. Censura evidente aos demagogos que vivem a falar em liberdade quando o povo sofre com as necessidades primárias; e censura justa. Mas justa apenas como censura: e terrivelmente injusta quando assume, e isso me pareceu acontecer emocionalmente na peça, ares de um dilema, de uma escolha a fazer entre a ditadura e a fome.

Cada vez me convengo mais que a liberdade não é uma aspiração metafísica, é a arma principal do homem em sua luta para ter comida, casa, roupa, família, saúde, educação, justiça, alegria de viver.

O fato de alguma ditadura ter concedido certos benefícios materiais aos trabalhadores não invalida isso; basta pensar que os países tradicionalmente democráticos são aqueles em que o nível de vida das massas é superior; e na própria Rússia sentimos que é através de um processo de democratização, de "degelo" do regime, que o povo vai tendo acesso a alguns bens materiais que eram gozados apenas pelo grupo dominante.

Não quero emprestar a Augusto Boal intenções que ele não terá tido; apenas quero lembrar que o conceito de liberdade é inseparável, por exemplo, do direito de livre associação e de greve, armas inestimáveis das reivindicações dos trabalhadores. Mas vejam a peça, que vale muito a pena.